

FACULDADE LEÃO SAMPAIO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

CÍCERA MICHELLE TENÓRIO GOMES

**UMA RELAÇÃO “ANIMAL”: AS CONTRIBUIÇÕES DAS TERAPIAS ASSISTIDAS
COM ANIMAIS PARA O DESENVOLVIMENTO AFETIVO DE CRIANÇAS
AUTISTAS.**

JUAZEIRO DO NORTE

2019

CÍCERA MICHELLE TENÓRIO GOMES

**UMA RELAÇÃO “ANIMAL”: AS CONTRIBUIÇÕES DAS TERAPIAS ASSISTIDAS
COM CÃES PARA O DESENVOLVIMENTO AFETIVO DE CRIANÇAS AUTISTAS.**

Projeto de pesquisa apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia da Faculdade Leão Sampaio, como requisito para a obtenção do grau de bacharelado em Psicologia.

Orientador: Francisco Francinete Leite Júnior

JUAZEIRO DO NORTE

2019

CICERA MICHELLE TENÓRIO GOMES

**UMA INTERAÇÃO “ANIMAL”. AS CONTRIBUIÇÕES DOS CÃES PARA O
DESENVOLVIMENTO AFETIVO DE CRIANÇAS AUTISTAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à coordenação do curso de Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, como requisito para obtenção de grau de Bacharelado em Psicologia.

Aprovado em: 02 / 12 / 2019

BANCA EXAMINADORA



FRANCISCO FRANCINETE LEITE JUNIOR
Orientador(a)



CLARISSA DE PONTES VIEIRA NOGUEIRA
Avaliador(a)



FÁBIO LEONARD DOS SANTOS SALVIANO
Avaliador(a)

AGRADECIMENTOS

Passei a ter o sonho de me tornar uma psicóloga a partir do momento que vi meu filho melhorar de um trauma que ele sofreu na infância a partir da intervenção de uma psicóloga.

Por isso quero agradecer primeiramente a Deus por ter me dado a oportunidade e a coragem de realizar esse sonho, a minha família que me incentivou e esteve comigo em todos os momentos dessa trajetória tornando-os menos exaustivos.

Ao meu filho Yuri que soube entender minha ausência em determinados momentos de sua vida no período dos estágios que muitas vezes tinha que passar o dia na faculdade.

Agradeço ao meu esposo Wilson, que fez uma enorme diferença nos momentos que eu estava estressada, angustiada com os inúmeros trabalhos, provas, estágios que temos que fazer durante o curso e ele soube entender cada momento e sempre tinha uma palavra de acolhimento, de incentivo que me ajudavam a seguir em frente.

Aos meus amigos por compartilharem esses momentos incríveis comigo e também ao meu orientador Junior teve a paciência e sabedoria de me auxiliar nesse trabalho que foi muito importante para meu crescimento profissional e pessoal.

UMA RELAÇÃO “ANIMAL”: as contribuições das Terapias Assistidas com cães para o desenvolvimento afetivo de crianças autistas

Cícera Michelle Tenório Gomes¹
Francisco Francinete Leite Junior²

RESUMO

Este estudo objetiva refletir sobre como os cachorros podem auxiliar no desenvolvimento afetivo de crianças autistas a partir da Literatura Científica, bem como apresentar conhecimentos e conceitos sobre o autismo, elencar os impactos do Transtorno do Espectro Autista para o desenvolvimento das crianças e realizar estudos sobre as possibilidades contributivas que as terapias com cães podem ofertar para o desenvolvimento afetivo de crianças autistas mediante a estudo bibliográfico. Metodologicamente foi empregados: a abordagem qualitativa; as pesquisas bibliográfica, explicativa e exploratória, a base de dados foram o Google Acadêmico, a Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde – Lilacs e a Scientific Electronic Library – SciELO; os critérios de seleção das obras utilizadas aportaram-se nas palavras-chave deste estudo; para a coleta dos dados recorreu-se à revisão narrativa; e a análise dos dados deu-se através da técnica análise de conteúdo. Como resultados obteve-se que as terapias com animais voltadas para as crianças autistas têm sido alvo de pesquisas como uma estratégia para estimular o desenvolvimento das crianças com TEA e que existem estudos que apresentam avanços nas interações expressas por estas crianças e que indicam também que existem contribuições positivas da TAA com crianças com TEA na maioria dos casos, mas não em todos. Conclui-se que diante dos estudos abordados as crianças autistas conseguem desenvolver melhor suas interações, linguagem e comunicação através de terapias com cães, mas que isso não acontece com absolutamente todas as crianças pesquisadas, mas também não renega ou reduz a importância das terapias com cães para o desenvolvimento afetivo e demais dimensões do desenvolvimento para as crianças autistas.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista. Crianças. Desenvolvimento Afetivo. Terapias Assistidas com cães. Psicologia.

ABSTRACT

This study aims to reflect on how dogs can help the affective development of autistic children from the Scientific Literature, as well as to present knowledge and concepts about autism, to list the impacts of Autistic Spectrum Disorder for the development of children and to conduct studies on the Contributing possibilities that therapies with dogs can offer to the affective development of autistic children through bibliographic study. Methodologically it was employed: the qualitative approach; bibliographic, explanatory and exploratory searches, the database were Google Scholar, Latin American and Caribbean Health Sciences Literature - Lilacs and the Scientific Electronic Library - SciELO; the selection criteria of the works used were based on the keywords of this study; for data collection we used the narrative review; and data analysis was done through the content analysis technique. As a result it was found that animal therapies aimed at autistic children have been the target of research as a strategy to stimulate the development of children with ASD and that there are studies that show advances in the interactions expressed by these children and also indicate that there are TAA's positive contributions to children with ASD in most cases, but not all. It can be concluded that the

¹Discente do curso de psicologia da UNILEÃO. E-mail: michelletenorio2015@gmail.com.

²Docente do curso de psicologia da UNILEÃO. E-mail: francinetejunior@leaosampaio.edu.br.

autistic children can better develop their interactions, language and communication through dog therapies, but this does not happen with all the researched children, but it does not deny or reduce the importance of dog therapies. for affective development and other dimensions of development for autistic children.

Keywords: Autistic Spectrum Disorder. Children. Affective Development. Dog therapies. Psychology.

1 INTRODUÇÃO

Os Transtornos mentais estão presentes na humanidade há muito tempo e pesquisas para que essas patologias sejam tratadas e superadas foram sendo desenvolvidas ao longo da história e é nesse âmbito que se buscam compreensões e tratamentos para o Transtorno do Espectro do Autismo, cerne desta pesquisa.

Segundo a definição do DSM-V da Associação Americana de Psiquiatria (2014), o Transtorno do Espectro do Autismo - TEA é um transtorno do desenvolvimento neurológico, caracterizado por dificuldades de comunicação e interação social e pela presença de comportamentos e/ou interesses repetitivos ou restritos. Esses sintomas configuram o núcleo do transtorno, mas a gravidade de sua apresentação é variável.

O número de casos de TEA tem crescido no Brasil, e apesar da falta de estudos epidemiológicos sobre esse assunto específicos capazes de estimar de forma mais precisa os dados nacionais, em uma recente pesquisa foi constatada que os índices de acometimento pelo autismo são de 27,2 casos para cada 10.000 habitantes. O que demonstra um quantitativo não tão alto, porém considerável de casos. (LEVENSON, 2015)

Dotti (2005) apud Mendonça et al (2014) afirma, que devido às suas características peculiares de inteligência e percepção, o cão, dentre os animais domésticos que possuem possibilidade de serem utilizados na terapia, é escolhido devido à compreensão de que ele atua como um agente facilitador e ponte entre o tratamento proposto e o paciente, e é nessa interação que se dá o encontro entre os profissionais e colaboradores.

Do ponto de vista acadêmico, pesquisas sobre transtornos que acometem muitas pessoas apresentam grandes relevância na busca pelo aperfeiçoamento dos cuidados em saúde mental para os pacientes e dos serviços prestados pela própria categoria profissional. Esta pesquisa justifica-se também pelo interesse pessoal da pesquisadora em realizar estudos sobre tratamentos alternativos com animais de estimação para esse transtorno devido à uma grande aproximação com esse objeto de estudo durante a formação acadêmica e vida pessoal. Quanto à relevância social, entende-se que os estudos empregados na busca de alternativas para o

tratamento de problemas de saúde que venham a comprometer a vida social dos sujeitos são de grande valia para a sociedade tendo em vista a possibilidade de melhoria de vida para os cidadãos.

Destarte, essa pesquisa tem como questionamento central: quais as contribuições dos cachorros para o desenvolvimento afetivo de crianças autistas a partir da Literatura Científica.

Mediante aos expostos, este estudo tem como objetivo geral refletir sobre como os cachorros podem auxiliar no desenvolvimento afetivo de crianças autistas, bem como apresentar conhecimentos e conceitos sobre o autismo, elencar os impactos do Transtorno do Espectro Autista para o desenvolvimento das crianças e realizar estudos sobre as possibilidades contributivas que as terapias assistidas com cães podem ofertar para o desenvolvimento afetivo de crianças autistas.

2 ASPECTOS METODOLÓGICOS

As pesquisas de teor científico demandam a estruturação de um percurso metodológico que precisa ser definido e realizado em busca de descobertas sobre determinado objeto de pesquisa. Salienta-se que este estudo é oriundo das observações realizadas pela pesquisadora ao longo de sua formação acadêmica profissional.

Nesta pesquisa foi empregada a abordagem qualitativa. Cabe ponderar que a pesquisa de abordagem qualitativa é mais adequada para compreensão de fenômenos sociais e por essa razão justifica-se seu uso nos estudos sobre elementos oriundos das relações sociais. O aspecto qualitativo de uma investigação pode estar presente até mesmo nas informações colhidas por estudos essencialmente quantitativo (RICHARDSON, 2014).

No âmbito da Psicologia essa abordagem é bastante utilizada devido à possibilidade que ela oferece para a explicação de comportamentos, processos mentais e sentimentos humanos, tornando o objeto de estudo contextualizado e dinâmico.

Quanto aos tipos de pesquisa utilizados, recorreu-se às pesquisas bibliográfica, explicativa e exploratória.

Para Gil (2004, p. 44), “A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Trata-se de baseadas em outras pesquisas já realizadas.

Tomando por base Gil (2002, p. 42) elucida-se que a pesquisa explicativa busca “identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos [...] que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas”.

A pesquisa exploratória pode ser compreendida como aquela que objetiva “proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses” (GIL, 2002, p. 41).

A coleta dos dados deu-se em livros físicos e informatizados e artigos científicos através de pesquisa eletrônica, que “é constituída por informações extraídas de endereços eletrônicos, disponibilizados em home page e site, a partir de livros, folhetos, manuais, guias, artigos de revistas, artigos de jornais, etc”. (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 69).

A pesquisa na base de dados priorizou estudos e aportes teóricos cujo assunto cerne contém uma ou mais palavras-chave para esta pesquisa e assim que comportem pesquisas que se relacionem à temática aqui desenvolvida, sendo excluídos aqueles que se afastassem do referido assunto ou que não resguarde pouco vínculo. A base de dados foram o Google Acadêmico, a Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde – Lilacs e a Scientific Electronic Library – SciELO, de onde foram extraídas a bibliografia utilizada. Os critérios de seleção das obras utilizadas aportaram-se nas palavras-chave deste estudo.

Para a coleta dos dados recorreu-se à revisão narrativa. Segundo Rother (2007, p. 9), a revisão narrativa utiliza-se “da aquisição e atualização de conhecimento sobre um determinado tema em curto período de tempo” [...] “para descrever o estado da arte de um assunto específico, sob o ponto de vista teórico ou contextual”. Trata-se “da análise da literatura, da interpretação e análise crítica pessoal do pesquisador”.

A análise dos dados procedeu-se através da técnica análise de conteúdo. Segundo Bardin (1979, p. 42), ela representa uma reunião de técnicas de análise das comunicações com o intuito de obter, por intermédio de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (sejam eles quantitativos ou não) que possibilitem inferir conhecimentos relacionados às condições de produção e recepção dessas mensagens. Sendo empregada a modalidade de análise de conteúdo chamada análise temática que “trabalha com a noção de tema, o qual está ligado a uma afirmação a respeito de determinado assunto; comporta um feixe de relações e pode ser graficamente representada por meio de uma palavra, frase ou resumo”. (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 84)

Assim, essa pesquisa voltou-se para a busca por descobertas sobre as contribuições dos cachorros para o desenvolvimento afetivo de crianças autistas.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 PERCEPÇÕES SOBRE O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

O Desenvolvimento Infantil (DI) diz respeito ao primeiro período do desenvolvimento humano e pode ser compreendido como o mais importante para o ser humano tendo em vista o alto nível de aprendizado possível nessa fase, a estruturação da arquitetura cerebral e as possibilidades de desenvolvimento de habilidades e capacidades que a infância possibilita.

Primordialmente enfatiza-se que as crianças são seres em processo de crescimento e desenvolvimento que possuem necessidades específicas em cada momento, são pessoas pertencentes a classes sociais diferentes, que acabam por apresentar desigualdades biológicas (cada uma tem uma etapa de amadurecimento que pode ser diferente uma da outra), mas que são socialmente determinadas, o que fica evidenciado por esta questão manter relação diretamente proporcional às vulnerabilidades as quais as mesmas estão expostas e que impactam em suas condições de existência e qualidade de vida. (ROCHA et al, 2002)

É necessário compreender que “cada criança é semelhante às outras crianças em alguns aspectos, mas é única em outros aspectos”? (PAPALIA et al., 2001, p. 9). Diante disso, o DI individual de cada criança também poderá se assemelhar em alguns pontos e ser diferente de criança para criança em outros.

Nesse sentido, cabe também ressaltar que “a criança é um ser dinâmico, complexo, em constante transformação, que apresenta uma sequência previsível e regular de crescimento físico e de desenvolvimento neuropsicomotor” (BRASIL, 2002, p. 77). Existem muitos estudos (alguns deles serão abordados nesta pesquisa) voltados para a compreensão do processo de DI que elucidam elementos que configuram o DI típico e o atípico, focando inclusive nos aspectos que precisam ser bastante estimulados para que as crianças possam crescer e se desenvolver bem.

O Desenvolvimento Atípico é marcado pela presença de atrasos no desenvolvimento ou anormalidades no comportamento da criança quando comparado seu desenvolvimento em relação aos padrões estabelecidos no que se determina como normalidade do comportamento de acordo com a idade e maturação infantis. (GANNAN, 2009)

É válido apreender que existem vários contextos e realidades diversas nas quais as crianças estão inseridas e que interferem no desenvolvimento de ambas, não deixando de mencionar que todas as áreas da vida e as instituições sociais nas quais as mesmas serão

inseridas – como é o caso da família, que assume função primordial nesse desenvolvimento – podem impactar no DI.

De acordo com estudos realizados pelo Núcleo Ciência Pela Infância (2014, p. 6), aponta-se “o desenvolvimento do indivíduo como é um processo dinâmico e maleável que ocorre por fatores genéticos, condições do meio no qual está inserida e em função de seu próprio comportamento e ao modo como interage com aqueles fatores”. Essa concepção corrobora com a visão supracitada sobre os elementos que estruturam o DI e que o concebem como um processo evolutivo permeado por situações subjetivas e objetivas, intrínsecas e extrínsecas às crianças.

É possível denotar que nos primeiros anos de vida há um salto de desenvolvimento muito grande para os seres humanos nos aspectos físicos, psicológicos e sociais, cabendo ressaltar que

Entre o primeiro e o terceiro ano de idade a qualidade de vida de uma criança tem muita influência em seu desenvolvimento futuro e ainda pode ser determinante em relação às contribuições que, quando adulta, oferecerá à sociedade. Caso esta fase ainda inclua suporte para os demais desenvolvimentos, como habilidades motoras, adaptativas, crescimento cognitivo, aspectos sócioemocionais e desenvolvimento da linguagem, as relações sociais e a vida escolar da criança serão bem sucedidas e fortalecidas. (PICCININ, 2012, p. 38)

Perceber diante dos expostos o quanto o DI é primordial e essencial para a vida humana e para a construção dos indivíduos em todos as faces que compõem suas condições humanas.

É interessante salientar que muito se fala no desenvolvimento em suas dimensões, distinguindo o desenvolvimento físico, psicossocial e cognitivo como um meio de facilitar os estudos sobre os processos de desenvolvimento humano, porém, cabe destacar que ambas as dimensões interligam-se, vinculam-se e interferem de forma mútua. (BRASIL, 2002). Diante disso, vale ressaltar que o ser humano deve ser percebido em sua totalidade, assim como o seu desenvolvimento que carece sim de estudos para compreensão de todos os seus detalhes e aspectos, mas que não devem ser indissociáveis um do outro.

Perceber o ser humano como uma totalidade significa compreendê-lo para além de suas características isoladas, articulando-as não só a outras características do seu ser total, como também a totalidade do contexto mais amplo do qual ele faz parte. Assim, a criança tal como a encaramos é percebida como um ser total ou global, o que implica considerar uma inevitável vinculação, reciprocidade e retroalimentação entre fatores emocionais, cognitivos, orgânicos, comportamentais, sociais, históricos, culturais, geográficos e espirituais. A organização destes elementos interdependentes é regida por uma força que visa sempre à busca de equilíbrio. Assim, o que ocorre em uma parte sempre afeta as outras, e, por conseguinte, a totalidade do indivíduo. (AGUIAR, 2014, p. 41).

Dando continuidade às percepções sobre o DI, direciona-se para um aprofundamento do entendimento sobre as dimensões deste desenvolvimento, dando ênfase à cognição, ao desenvolvimento motor, à linguagem e à socioafetividade para que se possa perceber os elementos que compõem o DI.

Sobre o desenvolvimento cognitivo, resgata-se uma das contribuições de Vygotsky que concebe que “a cognição humana, mesmo quando realizada de forma isolada, é inerentemente sociocultural, afetada por crenças, valores e ferramentas da adaptação intelectual transmitidas aos indivíduos por meio de sua cultura (SHAFFER; KIPP, 2012, p. 312). Para este autor, a aprendizagem é o motor do desenvolvimento, e por assumir tal funcionalidade é possível apreender que o “aprendizado adequadamente organizado desperta vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar somente quando a criança interage com pessoas em seu ambiente e quando em cooperação com seus companheiros” (VYGOTSKY, 2007, p. 103).

Ainda sobre a cognição vale mencionar que no período de seu desenvolvimento, principalmente nos seus primeiros três anos de vida a criança pode desenvolver capacidades cognitivas devido ao interesse que ela manifesta pelo mundo em torno de si e à sua necessidade de se comunicar e desvelar o mundo a sua volta. (TAVARES et al., 2007). Assim, o desenvolvimento cognitivo pode ser percebido como aquele pelo qual a criança desenvolve suas habilidades e capacidades intelectuais e seu cérebro, estando essa dimensão intimamente ligada às demais, principalmente à linguagem, que assim como as demais será desenvolvida em conjunto com a cognição.

Criança pequena reconhece de fato um número pequeno de palavras. Ela conhece apenas palavras que aprende com outras pessoas (objetos, estados ou desejos). Na fase seguinte, a situação muda: a criança sente a necessidade das palavras e, ao fazer perguntas, tenta ativamente aprender os signos vinculados aos objetos. Ela parece ter descoberto a função simbólica das palavras. A fala, que na primeira fase era afetivo-conotativa, agora passa para a fase intelectual. As linhas do desenvolvimento da fala e do pensamento se encontram. (VYGOTSKY, 2007, p. 54)

É necessário frisar que a linguagem não se restringe somente à fala (até mesmo porque se assim fosse, crianças surdas não desenvolveriam nenhum tipo de linguagem), mas também ao olhar, aos movimentos do corpo, gestos e formas de se comunicar com as pessoas que estão

a sua volta. A família geralmente está muito presente nesses momentos, seja conscientemente ou não.

Sequencialmente aponta-se conhecimentos sobre o desenvolvimento motor, que conforme Tavares et al. (2007) é muito visível e acentuado nos dois primeiros anos de vida em comparação à outras fases da vida humana, pois “neste período, o bebê sofre importantes e aceleradas modificações, tais como gatinhar, sentar, andar e falar” (TAVARES et al., 2007, p. 44). O desenvolvimento motor ou motricidade pode ser contemplado de forma bem simplista como o desenvolvimento físico da criança, pelo qual ela desenvolve sua capacidade de realizar ações como andar, movimentar membros superiores e inferiores, desenhar.

Direciona-se para a dimensão socioafetiva, destacando-se que

Sabemos que a criança se desenvolve em vários contextos com características específicas, isto é, com regras, atitudes, valores e modos de estar e ser concretos. Desde o primeiro dia em que vem ao mundo, o ser humano começa a ter consciência de que existe um mundo externo a si. É nesse mundo que aprende sobre si, a estar e a comunicar-se com os outros. Neste sentido, a primeira infância é um período de mudanças significativas no que diz respeito ao desenvolvimento social. (DIAS, et al., 2013, p. 13)

Diante do exposto supramencionado, vale perceber que a socioafetividade do DI ocorre desde o início da vida dos seres humanos. Ao se considerar que alguns estudos apontam que ainda na gestação a criança já inicia o desenvolvimento de suas habilidades socioafetivas através da construção dos vínculos com as mães. Após o parto, a criança passa a ter a possibilidade de construir vínculos afetivos com outros familiares e outras pessoas que estejam muito próximas a elas.

Entende-se que o DI é essencial para a vida humana e que suas dimensões precisam ser estimuladas e trabalhadas de acordo com as singularidades de cada criança, captando a totalidade do contexto social, familiar e cultural no qual ela encontra-se inserida e respeitando suas potencialidades e desafios para que cada uma possa se desenvolver o máximo possível, seja esse desenvolvimento típico ou atípico. Assim, todas as crianças precisam ter suas habilidades físicas, psicológicas e sociais exploradas.

3.2. O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA E O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

A compreensão sobre o Transtorno do Espectro Autista - TEA e suas implicações em relação ao Desenvolvimento Infantil demanda a apropriação de conhecimentos sobre conceitos

e configurações do mesmo afim de que se possa entender como o TEA se desdobra nas vidas das pessoas que são acometidas por esse transtorno.

Ressalta-se que “estes distúrbios estão freqüentemente associados a várias outras condições. Os atrasos do desenvolvimento são comuns nas áreas de habilidades intelectuais e na maioria dos casos há uma associação à deficiência mental”. (SUPLINO, 2005, p. 17)

Segundo a definição do DSM-V da Associação Americana de Psiquiatria (2014), o Transtorno do Espectro do Autismo - TEA é um transtorno do desenvolvimento neurológico, caracterizado por dificuldades de comunicação e interação social e pela presença de comportamentos e/ou interesses repetitivos ou restritos. Esses sintomas configuram o núcleo do transtorno, mas a gravidade de sua apresentação é variável.

O autismo é um transtorno invasivo do desenvolvimento (TID), diagnóstico totalmente diferenciado de um quadro psicótico, passou a classificar esta condição com uma síndrome e referir-se à mesma como Autismo Infantil Precoce, ela apresenta as principais dificuldades de contato com pessoa, desejo obsessivo de manter as situações sem alterações, ligação especial com objetos. (SUPLINO, 2005, p. 16).

O TEA é um transtorno que acaba por comprometer o desenvolvimento infantil típico, tornando o desenvolvimento das crianças autistas um tipo atípico, posto que acarreta comportamentos e desafios para essas crianças nas suas interações com outras pessoas e com o mundo ao seu redor.

É válido apreender que os estudos e pesquisas já realizados ainda não apontam causas específicas para o aparecimento do Autismo o que pode ser visto como um aspecto que dificulta a criação de tratamentos, mas que não inviabiliza isso.

Mesmo que o TEA seja ocasionado por questões ainda não determinadas nos estudos neurológicos, psicológicos, psiquiátricos, entre outros, existem aspectos que geram características que apontam ou caracterizam as pessoas que possuem esse transtorno, principalmente os aspectos relacionados ao comportamento e às interações sociais das pessoas autistas. Essas diferenças permitem o diagnóstico precoce do TEA ainda na infância e possibilitam a adoção de tratamentos de forma antecipada e de maneira a não comprometer tanto o desenvolvimento infantil das crianças autistas.

Normalmente, o que chama a atenção dos pais inicialmente é que a criança é excessivamente calma e sonolenta ou então que chora sem consolo durante prolongados períodos de tempo. Uma queixa freqüente dos pais é que o bebê não gosta do colo ou rejeita o aconchego. Mais tarde os pais notarão que o bebê não imita, não aponta no sentido de compartilhar sentimentos ou sensações e não aprende a se comunicar com gestos comumente observados na maioria dos bebês, como acenar as

mãos para cumprimentar ou despedir-se. Geralmente, estas crianças não procuram o contato ocular ou o mantêm por um período de tempo muito curto. É comum o aparecimento de estereotípias, que podem ser movimentos repetitivos com as mãos ou com o corpo, a fixação do olhar nas mãos por períodos longos e hábitos como o de morder-se, morder as roupas ou puxar os cabelos. (ZANON; BACKES; BOSA, 2014, p. 18)

Nesse sentido, o TEA se caracteriza como uma questão de Saúde Mental, especificamente um transtorno, que apresenta para aqueles que a possuem desafios no que diz respeito à todas as dimensões do seu desenvolvimento, principalmente em relação à cognição, socioafetividade e à linguagem das pessoas autistas. Tendo em vista que existem características que permitem um diagnóstico consolidado do acometimento do autismo é fundamental reconhecê-las e elencá-las para que se possa entender ainda de forma mais aprofundada esse transtorno.

3.2.2. Critérios e aspectos afetados no Desenvolvimento Infantil pelo TEA

O Desenvolvimento Infantil é fundamental para a vida dos seres humanos dadas as possibilidades que um bom desenvolvimento na época da infância pode proporcionar ao longo da vida dessas pessoas. Tendo em vista as informações supraditas na discussão anterior a este subtópico é possível perceber que existem aspectos do desenvolvimento infantil das crianças autistas que são afetados devido ao autismo.

Isto posto, é imprescindível ressaltar que

O TEA é uma condição que tem início precoce e cujas dificuldades tendem a comprometer o desenvolvimento do indivíduo, ao longo de sua vida, ocorrendo uma grande variabilidade na intensidade e forma de expressão da sintomatologia, nas áreas que definem o seu diagnóstico. Atualmente, o TEA é compreendido como uma síndrome comportamental complexa que possui etiologias múltiplas, combinando fatores genéticos e ambientais (RUTTER, 2011 apud ZANON; BACKES; BOSA, 2014, p. 25).

Diante da compreensão da TEA enquanto uma síndrome comportamental que pode cuja existência pode estar relacionada à fatores genéticos, mas também do meio em que as crianças estão inseridas é cabível perceber que mesmo que sejam estabelecidas características específicas que apontam o acometimento desse transtorno, ele pode se apresentar de formas diferentes através de aspectos diferentes em cada criança.

Em pesquisas realizadas foi percebido que as crianças que possuem TEA apresentaram comportamentos que precisaram ser investigados de forma mais intensa do que em outras

crianças e que demonstravam que essas crianças possuíam movimentos repetitivos e estereotipados com o próprio corpo, com os objetos, no que diz respeito aos seus comportamentos sensoriais, o que permite o entendimento de que o comportamento estereotipado e repetitivo também são elementos importantes para a identificação precoce do TEA. O mesmo estudo possibilitou também enfatizar algumas dificuldades dessas crianças no tocante às suas interações sociais com objetos e pessoas, em situações em que essas crianças demonstraram medo, ansiedade, indiferença ou aversão. Esse tipo de comportamento geralmente está presente em crianças autistas que possuem mais de 9 meses de idade. (ZANON; BACKES; BOSA, 2014)

É importante ressaltar que as interações atípicas das crianças que possuem TEA em relação aos objetos e as pessoas à sua volta são elencadas como características próprias dessas crianças, o que não descarta a necessidade do diagnóstico unicamente devido a essa diferença nas interações, sendo necessário o acompanhamento de profissionais para diagnosticá-lo.

Outros elementos são possíveis de ser percebidos em crianças autistas que podem ser destrinchadas em três formas de dificuldade: a dificuldade de comunicação; a dificuldade de sociabilização; e a dificuldade de uso da imaginação. A primeira diz respeito à dificuldade de utilizar com sentido todas as formas de comunicação verbal e não verbal (expressões faciais, gestos, ritmo, linguagem corporal). A segunda expressa o ponto que mais pode gerar interpretações errôneas sobre o autismo, posto que significa a dificuldade de se relacionar com as outras pessoas apresentando incapacidade de partilhar gostos, emoções e sentimentos. A terceira dificuldade diz respeito à inflexibilidade e rigidez que se desdobra nas várias áreas da linguagem, pensamento e comportamento da criança, o que pode estar presente em comportamentos ritualísticos e obsessivos, dificuldades em processos criativos e de aceitação de mudanças. (MELLO, 2007)

As crianças com autismo, regra geral, apresentam dificuldades em aprender a utilizar corretamente as palavras, mas se obtiverem um programa intenso de aulas haverá mudanças positivas nas habilidades de linguagem, motoras, interação social e aprendizagem é um trabalho árduo precisa muita dedicação e paciência da família e também dos professores. É vital que pessoas afetadas pelo autismo tenham acesso a informação confiável sobre os métodos educacionais que possam resolver suas necessidades individuais. (NUNES, 2008, p. 4)

Entre outras características “é também comum se observar crianças autistas fascinadas por certos estímulos visuais, como luzes piscando e reflexos de espelho bem como tendo certas aversões ou preferências por gostos, cheiros e texturas específicas” (SILVA; MULICK, 2009, p. 120).

Percebe-se que essas crianças expressam comportamentos, características e hábitos cotidianos diferentes das demais crianças e que determinam o acometimento desse transtorno. O que por sua vez reitera a concepção de que essas crianças possuem um desenvolvimento infantil atípico.

Essas crianças podem apresentar também prejuízos qualitativos na interação social apontadas pelos aspectos elencados a seguir:

- (a) prejuízo acentuado no uso de múltiplos comportamentos não verbais, tais como contato visual direto, expressão facial, posturas corporais e gestos para regular a interação social;
- (b) fracasso em desenvolver relacionamentos com seus pares apropriados ao nível de desenvolvimento.
- (c) falta de tentativa espontânea de compartilhar prazer, interesses ou realizações de outras pessoas (p. ex. não mostrar, trazer ou apontar objetos de interesse);
- (d) falta de reciprocidade social ou emocional. (KEINERT; ANTONIUK, 2012, p. 32).

É relevante mencionar que a dificuldade em manter interações típicas durante a infância compromete o desenvolvimento devido ao fato de que nessa fase é fundamental para as crianças interagir com outras crianças, com os adultos e com o mundo para que possam desenvolver habilidades importantes para o seu desenvolvimento enquanto pessoa e ser social que vive em sociedade e precisa se sociabilizar com os demais.

As crianças autistas podem apresentar também prejuízos qualitativos na comunicação, manifestados por pelo menos um dos seguintes aspectos:

- (a) atraso ou ausência total de desenvolvimento da linguagem falada (não acompanhado por uma tentativa de compensar através de modos alternativos de comunicação, tais como gestos ou mímica);
- (b) em indivíduos com fala adequada, acentuado prejuízo na capacidade de iniciar ou manter uma conversação;
- (c) uso estereotipado e repetitivo da linguagem ou linguagem idiossincrática;
- (d) falta de jogos ou brincadeiras de imitação social variado e espontânea apropriada ao nível de desenvolvimento. (KEINERT; ANTONIUK, 2012, p. 32)

Diante de todas as colocações percebe-se que o diagnóstico precoce é fundamental para que se possa definir um tratamento que possibilite às crianças autistas a superação de pelo menos algumas das dificuldades que estas vivenciam para que seu desenvolvimento possa ocorrer da melhor forma possível para que estas crianças tenham uma vida mais plena dentro de suas possibilidades.

Isto por sua vez ocasiona a percepção de que quanto mais tardiamente o diagnóstico do TEA for realizado mais comprometido pode estar o desenvolvimento das crianças autistas e

mais difícil pode ser para elas adaptar-se (inclusive na adolescência e na vida adulta) a costume que lhes possibilite viver bem.

Segundo o Departamento Científico de Pediatria do Desenvolvimento e Comportamento (2019),

O diagnóstico tardio e a conseqüente intervenção atrasada em crianças com TEA causam prejuízos no seu desenvolvimento global. Este aspecto tardio de diagnóstico tem sido associado diretamente com baixa renda familiar, etnia, pouco estímulo, pouca observação sobre o desenvolvimento das crianças por parte dos pais, profissionais da saúde, educadores e cuidadores e formas clínicas menos graves de apresentação dos sintomas. (p. 4)

Assim, fica evidenciado que a TEA possui desdobramentos que afetam aspectos importantes do Desenvolvimento Infantil, mas que podem ser trabalhadas a partir de tratamentos específicos quando o transtorno é diagnosticado afim de estabelecer possibilidades para a otimização do desenvolvimento das crianças autistas que por mais que possuam limitações e desafios podem ter um desenvolvimento saudável.

3.3. TERAPIA ASSISTIDA COM ANIMAIS – CONTRIBUIÇÃO DOS CÃES EM TERAPIAS ASSISTIDAS COM ANIMAIS PARA CRIANÇAS AUTISTAS

O Transtorno do Espectro Autista é um transtorno que compromete o desenvolvimento das crianças, inclusive na dimensão afetiva. Isto aponta para a necessidade de que sejam realizadas pesquisas em torno do desenvolvimento de abordagens terapêuticas que possibilitem o estímulo do desenvolvimento infantil das crianças autistas. Inicialmente aborda-se nesta subseção a questão dos desafios postos para as crianças autistas no que diz respeito ao desenvolvimento de sua afetividade.

Em suma, a conexão afetiva é a capacidade que fundamenta o desenvolvimento infantil e capacita a vida social do ser humano. A partir desse entendimento, podemos, então, pensar sobre o que ocorre de modo distinto no desenvolvimento da criança autista. [...] Sendo assim, podemos inferir que as experiências sensoriais e afetivas do bebê com risco de autismo não acarretam uma experiência integradora para esse bebê, o que, provavelmente, contribuirá para todo o desvio do desenvolvimento dessa criança. (FIORE-CORREIA; LAMPREIA, 2012, p. 932-933).

Percebe-se mediante a fala das autoras acima a grande relevância que a afetividade representa para o desenvolvimento das crianças autistas – não desprezando as demais

dimensões, mas dando ênfase a esta especificamente – posto que as relações afetivas são fundamentais para as relações e interações humanas e no caso das crianças contribui para seu processo de sociabilização.

Assim, questões consideradas simples que são observadas em crianças com o desenvolvimento típico como a capacidade de olhar para o ambiente, para as pessoas, animais e objetos, para as crianças autistas representam um desafio para o desenvolvimento dessas crianças e impactam na sua afetividade. E nesse caso, essa capacidade se faz fundamental para as crianças, posto que

A capacidade de utilizar o olhar para analisar o ambiente permite captar comportamentos como gestos e expressões emocionais, os quais são relevantes não apenas para compreender o contexto da interação como também para ajudar na compreensão dos próprios estados mentais auxiliando a criança no processo de acessar seus próprios sentimentos e conseqüentemente conseguir expressá-los através de sinais verbais e não-verbais. (ROMA, 2015, p. 27)

Fica evidenciado que habilidades como a capacidade de conseguir olhar – e aqui compreende-se essa capacidade como um aspecto essencial para as interações – possibilita para as crianças desenvolver suas interações e estimular seu desenvolvimento. As crianças autistas possuem fragilidades para conseguir realizar essas interações, o que afeta as demais dimensões do seu desenvolvimento e devido a isso compreender essas dificuldades e discutir possibilidades para que estas sejam trabalhadas é fundamental. Uma das alternativas no âmbito das abordagens terapêuticas utilizadas nas situações de tratamento das crianças autistas é a Terapia Assistida com Animais – TAA que encontra ênfase nesta pesquisa.

A utilização de animais como alternativa de terapia foi iniciada no século XIX, quando médicos clínicos gerais perceberam, entre os pacientes com algum tipo de deficiência mental, benefícios na socialização após o contato com os animais. Em virtude disso, esta terapia começou a ser mais utilizada e passou a ter mais destaque, sendo a técnica, hoje, identificada como Terapia Assistida por Animais (TAA), cumprindo seu papel terapêutico no auxílio da reestruturação física e emocional de pessoas que, por sua vez, encontram-se distantes do alcance de outras modalidades terapêuticas. Nesta terapia, os animais são transformados em elemento de cumplicidade, como um catalisador das emoções, tornando-se facilitadores de socialização e fonte de aprendizagem, tendo a possibilidade de melhorar os campos familiar, social e afetivo do paciente, que passam a ter uma vida com mais saúde por meio de uma terapia ao seu alcance. (MENDONÇA, et al, 2014, p. 12-13)

Partindo do pressuposto de que os animais podem atuar como atores presentes nas intervenções terapêuticas de forma contributiva foi desenvolvida a TAA, que possui

possibilidades de potencializar as terapias e proporcionar aos pacientes melhorias na sua vida e nos aspectos específicos para os quais as terapias estão sendo direcionadas.

Segundo Dotti (2005), a TAA é um processo terapêutico formal com procedimentos e metodologias, amplamente documentado, planejado, tabulado, medido e seus resultados são avaliados.

Estudos recentes apontam que as crianças entre 5 e 12 anos, que possuem animais têm mais sensibilidade e conseguem compreender melhor os sentimentos de outras pessoas e têm mais empatia. A aproximação com animais em crianças mais jovens pode contribuir inclusive para o desenvolvimento mais rápido da cognição, da coordenação motora, campo visual e sua interpretação e relação com o mundo exterior. (DOTTI, 2014)

É possível denotar que a realização das terapias com animais tem recebido um olhar maior para sua aplicação tendo em vista que ela tem sido uma abordagem terapêutica que apresenta elementos positivos. O que remete à necessidade de aprofundar as compreensões em torno da importância dos animais nas terapias.

O principal animal utilizado para a realização da TAA é o cão devido ao fato de ser um animal que apresenta uma afeição natural pelas pessoas e facilidade para seu adestramento, além de proporcionar uma maior aceitação por parte das pessoas e ser capaz de gerar respostas positivas ao toque, o que é um importante fator a ser mencionado, uma vez que a terapia com animais apresenta melhores resultados quando esses animais podem ser tocados e tornam possível as interações. (MUÑOZ, 2013)

Os cães são um dos animais domésticos mais populares entre as crianças e por isso são crianças

No caso dos cachorros, estes se comunicam com os humanos através de um conjunto de sinais como: sacudidas de cauda, lambidas, rolando-se de lá para cá, tudo com muita insistência. O cachorro se comporta como o emissor da mensagem, e a criança, a receptora, assim consolidando a comunicação entre ambos. Para reforçar ainda mais essa interação homem-animal, surgiu a TAA - Terapia Assistida por Animais. (CASSAL, 2019, p. 32)

Dotti (2005) citado por Mendonça et al (2014) afirma, que devido às suas características peculiares de inteligência e percepção, o cão, dentre os animais domésticos que possuem possibilidade de serem utilizados na terapia, é o mais escolhido devido à compreensão de que ele atua como um agente facilitador e ponte entre o tratamento proposto e o paciente, e é nessa interação que se dá o encontro entre os profissionais e colaboradores. Aponta-se que nesses encontros que objetivam promover a melhoria emocional, física social, e cognitiva das

pessoas que fazem uso desse tipo de terapia, em que as relações afetivas fortalecidas e oriundas dessa interação geram inúmeros benefícios para ambos os participantes.

Não obstante, é importante ressaltar que não são todas as raças de cães e de todas as idades que podem ser inseridas nessas terapias, posto que como as terapias com os animais possuem intuitos específicos que no caso da TEA, por exemplo, precisam estar voltados para o estímulo da capacidade das crianças autistas que são afetados pelo autismo.

Para que o cão possa participar desta terapia, deve haver uma intensa e constante preocupação com a seleção e saúde desse animal, sendo necessária a avaliação por três profissionais, a saber: um veterinário, um psicólogo com especialização em comportamento animal e um adestrador. O primeiro é responsável pela verificação da saúde física do animal; o segundo, pela avaliação do comportamento quanto à socialização, obediência e temperamento do animal; o terceiro vem com a parte do adestramento dos cães, ensinando aos animais como se comportar e usar técnicas e habilidade para lidar com os pacientes que irão participar. Apenas depois dessas avaliações é que o animal estará apto a começar o treinamento com seu proprietário ou condutor da TAA. Deverá existir, também, uma ficha exclusiva para o controle da saúde do animal pelo veterinário e outra para os testes de comportamento do animal. (MENDONÇA, et al, 2014, p. 15)

Evidencia-se pelo pressuposto supracitado que para que a TAA possa ocorrer é necessário realizar também uma série de observações e aspectos seletivos em relação ao animal que participará da terapia e estes animais precisam atender a requisitos considerados fundamentais para que a mesma funcione e expresse os resultados esperados. Seria um equívoco inserir nessas terapias animais que gerassem conclusões opostas e negativas para os pacientes e por isso a escolha dos animais participantes é essencial e precisa ser cautelosa.

Ressalta-se que “a ligação das crianças com os animais utilizados na TAA proporciona a possibilidade para alcançar os objetivos previamente estabelecidos, sendo isto um facilitador para os terapeutas” (MENDONÇA, et al, 2014, p. 23). Muitas crianças apresentam propensões a aceitarem a presença de animais próximos a elas e nesse sentido reforça-se que os animais podem contribuir bastante para o tratamento de transtornos como o TEA.

A utilização de animais como recurso terapêutico que objetiva a recuperação física, emocional, social ou das funções cognitivas, de crianças e adultos, através da interação com um animal, associado a um treino que permita a reabilitação dos pacientes com critérios previamente estabelecidos, objetivos claros e dirigidos, dos quais o animal é parte integrante do trabalho. (VIVADINI, 2011, p. 20)

Diante disso, enfatiza-se que a TAA é uma abordagem terapêutica viável e positiva para fins terapêuticos desde que sejam observados e definidos critérios e participantes que de fato possam gerar resultados positivos.

Em relação à execução da TAA como abordagem terapêutica voltada especificamente para as crianças com TEA, é possível perceber que essa interação com cachorros pode ser contributiva para o desenvolvimento dessas crianças. As dificuldades para interações que as crianças com TEA possuem podem ser reduzidas quando estas se relacionam com animais, posto que essas crianças se comunicam principalmente através da linguagem corporal. (BEBKO; et al, 2006)

De acordo com Martin e Farnun (2013) apud Lacerda (2014), o animal atua como um meio facilitador para que a criança com TEA possa acessar o seu ambiente social, auxiliando a criança no estabelecimento de vínculo primeiramente com o animal e depois com seres humanos.

Em uma pesquisa realizada por Michelotto (2014), a mesma percebeu que os pais e terapeutas identificaram a piora de alguns aspectos do comportamento da criança com TEA após a TAA, principalmente nos aspectos relacionados a uma maior agitação e inquietude da criança. A autora explica que essa piora pode ocorrer diante de aspectos que podem ser decorrentes da euforia causada pelo contato com os cães e pela mudança de ambiente durante a terapia, mas que isto precisa ser comprovado através de outros estudos ainda a serem realizados.

Ressalta-se ainda que a companhia de um cão pode ser considerada também fonte de suporte social contribuindo para a modulação do estresse e do sentimento de solidão que se intensifica principalmente no contexto das grandes cidades no qual cada vez mais pessoas se encontram em um cotidiano que dificulta o contato social e o estreitamento de vínculos. É também devido à linguagem corporal e sensível pela qual os cães se comunicam que acredita-se que os cães podem contribuir para que a criança com TEA se sinta menos ansiosa para realizar interações. (ROMA, 2015)

A escolha de cães que tenham um perfil comportamental e de saúde que não agride as crianças autistas demonstram que a terapia com cães carece ser estruturada e organizada de forma que as crianças consigam ter a dimensão do seu desenvolvimento afetiva estimulada e não coibida, posto que o caso das crianças autistas possuem características específicas que tornam seu desenvolvimento atípico, devendo-se levar em conta também que cada criança tem um desenvolvimento com características particulares.

Pesquisas têm sido realizadas especificamente em relação à TAA com crianças com TEA como as mencionadas nos pressupostos supracitados apontando as contribuições da mesma para as crianças autistas.

Os resultados alcançados pela TAA até agora são promissores, embora apontem que a Terapia Assistida com Animais não traz resultados positivos para todo indivíduo com TEA. Porém, a grande escassez de dados nessa área torna necessária a pesquisa e, conseqüentemente publicação de artigos que fomentem reflexões e discussões sobre a base metodológica no atendimento de indivíduos com transtorno do espectro autista. (LACERDA, 2014, p. 61)

Diante do supramencionado percebe-se que as terapias com animais voltadas para as crianças autistas têm sido alvo de pesquisas como uma estratégia para estimular o desenvolvimento das crianças com TEA devido às características que ambas possuem. Existem estudos - dentre os quais alguns foram mencionados nesta pesquisa – que apresentam avanços nas interações expressas por estas crianças e que indicam também que a funcionalidade positiva da TAA com crianças com TEA não ocorrem em todos os casos. Assim, reitera-se a relevância de que mais pesquisas e diálogos sobre as contribuições da terapia com animais sejam realizadas e estas crianças consigam ter alternativas terapêuticas que lhes possibilite um bom desenvolvimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Elucida-se que o desenvolvimento infantil é fundamental para o desenvolvimento do ser humano e possui impactos na vida dos sujeitos de maneira que ele precisa ser estimulado e sua disfunção ocasiona. Para que se possa entender o desenvolvimento infantil de cada criança é preciso perceber que cada uma delas possui suas características e peculiaridades que podem por sua vez determinar aquelas que possuem um desenvolvimento típico e as que possuem um desenvolvimento atípico.

As crianças que possuem o Transtorno do Espectro Autista possuem um desenvolvimento considerado atípico dadas as características deste transtorno que ocasionam para essas crianças comportamentos diferentes e interações diferentes. Essas dificuldades postas pelo TEA podem comprometer as habilidades sociais, motoras, afetivas e relacionadas à linguagem das mesmas.

É relevante ressaltar que o espectro autista demanda abordagens terapêuticas específicas que contemplem as particularidades das crianças que possuem esse transtorno e devido a isso a terapia com animais é considerada significativa e produtiva para as crianças autistas devido ao fato de que os animais podem proporcionar a ambas uma interação mais livre e que possibilite autonomia para que essas crianças consigam ter seu desenvolvimento estimulado.

No caso específico do desenvolvimento afetivo das crianças autistas as contribuições da abordagem terapêutica com cães se dão nas possibilidades de ambas terem a possibilidade de trabalhar suas habilidades afetivas a partir das suas interações com os cães, o que pode contribuir para seu desenvolvimento como um todo.

Notabiliza-se que esta pesquisa por ser bibliográfica não traz em seu escopo uma pesquisa experimental com crianças autistas e cães e aporta-se em estudos já realizados por outros pesquisadores, o que não retira sua importância, mas aponta a necessidade da realização de mais pesquisas, reflexões e diálogos sobre a temática em questão.

Diante dos estudos abordados percebe-se que as crianças autistas conseguem desenvolver melhor suas interações, linguagem e comunicação através de terapias com cães, mas que isso não acontece com absolutamente todas as crianças pesquisadas, mas também não renega ou reduz a importância das terapias com cães para o desenvolvimento afetivo e demais dimensões do desenvolvimento para as crianças autistas.

Dadas as considerações postas, enfatiza-se que os objetivos propostos foram alcançados ao passo que foi possível refletir sobre como os cachorros podem auxiliar no desenvolvimento afetivo de crianças autistas, tendo sido percebido que o TEA é um transtorno que pode ocasionar o desenvolvimento atípico das crianças acometidas e que mediante os estudos empregados percebeu-se através das terapias assistidas com cães é possível alcançar avanços terapêuticos para o desenvolvimento afetivo de crianças autistas.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSIQUIATRIA. **Manual de diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-V**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed; 2014. 848 p.

AGUIAR, Luciana. **Gestalt-terapia com crianças: teoria e prática**. São Paulo: Summus Editorial, 2014.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Saúde da criança: acompanhamento do crescimento e desenvolvimento infantil**. Brasília: Ministério da Saúde, 2002.100 p.: il. (Série Cadernos de Atenção Básica; n. 11) (Série A).

CASSAL, S. G. **Comunicação animal: uma porta de entrada para o mundo dos autistas**. 2019, 36 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Pampa, Jaguarão, 2019.

DEPARTAMENTO CIENTÍFICO DE PEDIATRIA DO DESENVOLVIMENTO E COMPORTAMENTO. **Transtorno do Espectro do Autismo**. Manual de Orientação. São Paulo, nº 05, 2019.

DIAS, I. S.; CORREIA, S; MARCELINO, P. Desenvolvimento na primeira infância: características valorizadas pelos futuros educadores de infância. **Revista Eletrônica de Educação**, 2013, v. 7, n. 3, p. 9-24.

DOTTI, J. **Animais & Terapia**. São Paulo: Noética, 2005.

FIGLIOLINI-CORREIA, O.; LAMPREIA, C. A Conexão Afetiva nas Intervenções Desenvolvimentistas para Crianças Autistas. **Psicologia: Ciência e Profissão**, 2012, v. 32, n. 4, p. 926-941.

GERHARDT, T. E. (Org.); SILVEIRA, D. T. (Org.). **Métodos de pesquisa** – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

KEINERT, M. H. J. M.; ANTONIUK, S. A. **Espectro autista: O que é? O que fazer?** Curitiba: Editora Íthala, 2012.

LACERDA, J. R. **Efeitos da participação de um cão em sessões de terapia sobre o comportamento social de crianças com autismo**. 2014. 81f. Trabalho de pesquisa (Pós-graduação em Psicologia Experimental) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

MELLO, A. M. S. R. de. **Autismo: guia prático**. 6.ed. São Paulo: AMA; Brasília: CORDE, 2007.

MENDONÇA, M. E. F.; SILVA, R. R.; FEITOSA, M. J. S.; PEIXOTO, S. P. L. A terapia assistida por cães no desenvolvimento socioafetivo de crianças com deficiência intelectual. **Ciências Biológicas e da Saúde**, Maceió, 2014, v. 2, n.2, p. 11-30.

MICHELOTTO, A. L. L. **Interação de cães com crianças que apresentam o transtorno do espectro autista**. 2017. 56f. Dissertação (Pós-Graduação em Ciência Animal) - Escola de Ciências da Vida, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2017.

MUÑOZ, P. O. L. **Terapia assistida por animais – interações entre cães e crianças autistas**. 2013. 85f. Dissertação (Mestrado – Programa de Pós Graduação em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

NOGUEIRA, M. T. D.; et al. O cão como aspecto motivador de crianças com transtorno do espectro autismo. **R Est Inv Psico y Educ**, 2017, Extr., v. 1, 281-283.

NÚCLEO CIÊNCIA PELA INFÂNCIA. **O impacto do desenvolvimento na primeira infância sobre a aprendizagem**. São Paulo: NCPI, 2014.

NUNES, D. C. S. **O pedagogo na educação da criança autista**. 2008. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/articles/4113/1/O-Pedagogo-Na-Educacao-Da-Crianca-Autista/pagina1.html>>. Acesso em: 5 de novembro de 2019.

PAPALIA, D.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D. **O mundo da criança**. 8.^a edição. Lisboa: McGraw-Hill, 2001.

PICCININ, P. V. **A intencionalidade do trabalho docente com as crianças de zero a três anos na perspectiva Histórico-Cultural**. 2012. 76 fls. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

RAPPAPORT, C. R. **Psicologia do Desenvolvimento: teoria do desenvolvimento - conceitos fundamentais**. São Paulo: EPU, 1981. V. 1.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. – 3^a ed. – 15. Reimpr. – São Paulo: Atlas, 2014.

ROMA, R. P. S. A influência do cão na expressividade emocional de crianças com transtorno de espectro autista. 2015. Dissertação (Mestrado - Pós-graduação em Psicologia Experimental) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

ROTHER, E. T. **Revisão sistemática x revisão narrativa**. Acta paul. enferm., São Paulo, v.20,n. 2, jun. 2007.

SHAFFER, D. R. KIPP, K. **Psicologia do desenvolvimento: infância e adolescência**. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

SILVA, M.; MULICK, J. A. Diagnosticando o Transtorno Autista: Aspectos Fundamentais e Considerações Práticas. **Psicologia ciência e profissão**, 2009, 29 (1), p. 116-131.

SUPLINO, M. **Currículo funcional natural: guia prático para educação na área do autismo e deficiência mental**. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos. Maceió: ASSISTA, 2005.

TAVARES, José et al. **Manual de psicologia do desenvolvimento e aprendizagem**. Porto: Porto Editora, 2007.

VIVALDINI, V. H. **Terapia Assistida por Animais: uma abordagem lúdica em reabilitação clínica de pessoas com deficiência intelectual**. 2011. 70f. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Saúde) – Faculdade de Saúde, Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, 2011.

VYGOTSKY, L. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ZANON, R. B.; BACKES, B.; BOSA, C. A. Identificação dos Primeiros Sintomas do Autismo. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, Jan-Mar 2014, Vol. 30 n. 1, p. 25-33.